

**PLANO DE GESTÃO TERRITORIAL E AMBIENTAL DA
TERRA INDÍGENA KAMPA DO RIO AMÔNIA**

REALIZAÇÃO



APOIO



PLANO DE GESTÃO TERRITORIAL E AMBIENTAL DA TERRA INDÍGENA KAMPA DO RIO AMÔNIA

APIWTXA – AMAAIAC – CPI/AC

**RIO BRANCO - ACRE
2007**

REALIZAÇÃO
Associação Apiwtxa
Associação do Movimento dos Agentes Agroflorestais Indígenas – AMAAI/AC
Comissão Pró Índio do Acre – CPI/AC

Direitos Autorais
Associação Apiwtxa –
Rua Alfonso Pena - nº 1025 - Bairro 25 de Agosto –
Cruzeiro do Sul Acre – CEP 69.980.000
Fone (68) 3325-1082 – **e-mail** apiwtxa@yahoo.com.br

Organização e edição
Renato Antonio Gavazzi

Levantamento
Julieta Matos Freschi / Maria Luiza Ochoa
Renato Antonio Gavazzi / Roberto de Alcantara Tavares
Terri de Aquino

Tradução para a língua Ashaninka
Bebito Pyanko

Correção língua Portuguesa
Ingrid Weber

Projeto gráfico e finalização
gknoronha.com.br

Capa e diagramação
gknoronha.com.br - Hudson Gomes Afonso,
capa sobre fotos de Pedro Constantino e Haroldo Palo Junior

Fotografias
Benke Pyanko / Haroldo Palo Junior
Julieta Matos Freschi / Marcio Sztutman
Martin Davila / Pedro Constantino
Renato Antonio Gavazzi / Roberto A. Tavares
Frank José Silva / Arquivo IBAMA

Agradecimentos
Ana Paula Sales Damasceno
Frank Arcos de Oliveira
José Frank de Melo Silva
Malu Ochoa / Vera Olinda

Plano de gestão territorial e ambiental da terra indígena
Kampa do Rio Amônia – Rio Branco: Comissão Pró-Índio
do Acre, 2007.

82 p. : il. 23x18cm

1. Índios da América do Sul – Brasil . 2. Índios Asheninka
– Acre . 3. Gestão territorial - Manejo

CDD. 980.41089112

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| Apresentação | 07 |
| Introdução | 13 |
| Aywō tatsiro hyatene aashi ipatsite Asheninka Amoysatsi | 18 |
| Ashe aminātxari aipatsite Ashaninka eero ithōkatxari ashe aaka seykyetsiri ātamiki eehatisita aashe wirakotxa seykyetsiri okowakine aipatsite | 19 |
| Seykyetsiri ātamiki | 21 |
| Tsimeri | 27 |
| Oirikātxari shima | 29 |
| Owātsi | 33 |
| Pākiretsi-payne | 35 |
| Eero ithōkāttxari apirātāttxari tsimeri-payne | 37 |
| Nāpitsi | 39 |
| Kariperori okayetsiri atsiri-payne | 41 |
| Hiya | 43 |
| Aminātxari aipatsite | 45 |
| Seykatsiri okowakini aipatsite | 47 |

CONTEÚDO EM LÍNGUA PORTUGUESA

| | |
|--|----|
| | ↓ |
| Mapa - Terra Indígena Kampa do Rio Amônia | 48 |
| Plano de Gestão Territorial e Ambiental da Terra Indígena Kampa do Rio Amônia | 49 |
| Recursos florestais e florísticos | 51 |
| Caça | 57 |
| Pesca | 59 |
| Roçado | 63 |
| Plantios Agroflorestais | 65 |
| Manejo e criação de animais silvestres | 67 |
| Aldeia | 69 |
| Lixo e saneamento básico – Saúde Ambiental | 71 |
| Recursos hídricos | 73 |
| Vigilância e fiscalização | 75 |
| Relação com o entorno | 77 |
| Referências bibliográficas | 78 |
| Fotografias | 79 |



APRESENTAÇÃO

A minha terra é a TI Kampa do Rio Amônia, pertencente aos Ashaninka. Ela foi demarcada em 1992, mas o processo de identificação teve início em 1985. Até então, nós vivíamos trabalhando para os patrões. A gente tinha uma maneira de se organizar, compreendíamos que vivíamos na terra dos outros e por isso procurávamos ficar sempre em um lugar mais tranquilo. A gente foi identificando as áreas onde tinha seringa, pois eram procuradas pelos brancos, onde eles faziam as colocações. As áreas onde não havia seringa é que nós fomos ocupando. A partir de 1985, quando iniciamos a conquista da nossa terra, começamos a estabelecer uma relação com o governo brasileiro, através da Funai, para discutir a criação de um território para o povo Ashaninka. Naquele momento, para nós foi muito difícil entender, a gente pensava: “será que é verdadeiro isso?”, “será que não estão tentando criar mais problemas para nós?” Mas através de relatos passamos a entender que outras terras também foram conseguidas por outros índios, e que estava havendo uma mobilização a nível nacional para a identificação das terras indígenas no Brasil. Havia vários povos na mesma luta e nós fomos incorporando aos poucos a idéia de ter uma terra só pra nós.

Quando começamos a lutar pelo direito à nossa terra, teve início um novo tempo na nossa vida, porque a gente sabia o que era morar na “casa” dos outros. Da maneira que a gente estava vivendo na época do patrão, estava sujeito a termos que sair da terra a qualquer momento, não tínhamos direito a nada. Várias vezes a gente teve que se mudar de um lugar para outro para ter mais privacidade, para viver e fazer as nossas festas, porque as pessoas de fora chegavam e se instalavam perto da nossa comunidade. Quando começamos a discutir a criação da nossa terra, naquela época isto era visto como uma grande oportunidade de garantir a nossa privacidade, de garantir a tranquilidade do nosso povo.

A gente também começou a perceber que não era uma luta só para criar a nossa terra. Nesse processo a gente foi descobrindo que tinha muita gente descontente, muitas pessoas que não aceitavam, pessoas que se relacionavam com a gente e passaram a ser nossos inimigos. Fomos vendo que a terra que nós estávamos ocupando estava cada vez mais pobre, cada vez mais difícil. Não se achava mais peixe, não se achava mais

caça, não se achava mais as madeiras. Qualquer pessoa que chegasse e que tivesse mais dinheiro mandava naquelas que tinham menos e que eram obrigadas a aceitar as condições impostas por essas pessoas que vinham de fora. Então, nós estávamos empobrecendo cada vez mais. Muitas famílias se mudaram do rio Amônia para outros rios menos ocupados. Foi a partir daí que nós começamos um trabalho para criar a nossa terra, compreendendo a importância dela e vendo o quanto ela já estava empobrecida. Começamos um trabalho no sentido de evitar a destruição do meio ambiente, de tirar os brancos de dentro da nossa terra e de impedir a entrada dos madeireiros. Houve muitas invasões e até já estavam começando a entrar na nossa terra com máquina. Aconteceram duas grandes invasões, que foram por parte dos Camelli, uma em 1985 e outra em 1987. Essas invasões foram em função de um recurso que era a madeira, mas eles danificaram todos os outros recursos também.

Quando a gente demarcou a nossa terra, em 1992, já estávamos bem seguros do que tínhamos que fazer. Criamos uma escola e começamos a olhar com mais profundidade quais os recursos naturais estavam se acabando e o que a gente tinha que fazer pra trazê-los de volta; quais as mudanças teríamos que fazer internamente, dentro da nossa terra, para garantir a recuperação dos recursos naturais que foram judiados, como a caça, a pesca, a madeira. Buscamos também informações de fora, encontramos parceiros para nos orientar, a partir da nossa decisão do que era necessário recuperar no nosso território. Porque parecia um território que tinha sido bombardeado e que estava precisando de apoio. Em pouco tempo a gente foi mudando, porque a gente foi criando novos valores, introduzindo e agregando à nossa cultura novos conhecimentos. Fomos fazendo novas descobertas interessantes, como a de saber que vantagens temos na nossa terra, o entorno está nas mãos de quem, qual é a política do estado, quem são nossos vizinhos, o que eles estão fazendo. Ampliamos o nosso espaço de discussão e descobrimos que existem duas forças muito grandes: uma é aquela de destruir e a outra é a de preservar, de cuidar, de se preocupar com a cultura, e nessa luta fomos agregando também aliados.

Passamos a investir nessa área da conservação, do manejo, porque para nós a nossa vida é muito simples. Mas a gente estava preocupado com o contexto maior, além da terra em si. Existe uma ciência muito grande de quem aprende a viver na floresta. Desde cedo você já tem que ir se preparando, se aprofundando, para não ter

dificuldades de viver nessa terra. Mas qual a garantia nós tínhamos da continuidade dos nossos ensinamentos, da nossa ciência? Qual a garantia de que ela continuaria a ser desenvolvida, na prática, que não ficaria só para história? Então, para garantir isso, a gente tinha que ter as condições da terra, dos rios, da nossa tranquilidade, enfim, da liberdade para desfrutar desse conhecimento e assim ter uma vida do jeito que a gente entende como é uma vida boa.

Depois da criação da nossa terra, foi como se tivéssemos pela primeira vez uma casa nossa; antes parecia que a gente vivia de aluguel, morando na casa dos outros. Começamos a cuidar da nossa terra, fomos colocando nela o que a gente precisava e fomos vencendo algumas etapas importantes. Recuperamos os peixes que estavam se acabando no rio, começamos a trazer de volta a floresta, as espécies que estavam se acabando, e impedimos a entrada dos caçadores e dos madeireiros que exploravam a nossa terra. Outro passo importante foi a nossa liberdade, saímos de uma situação de viver nas mãos dos patrões, que ditavam o preço dos produtos e, que davam os serviços pra gente fazer, para uma vida livre. Começamos a trabalhar para nós mesmos, a nos organizar dentro da nossa terra. Então, esses foram passos importantes que a gente deu.

Mas ao longo do tempo descobrimos que não podíamos trabalhar somente dentro dos limites da nossa terra, porque a sustentabilidade de um projeto como esse depende também dos nossos vizinhos, da política do Estado brasileiro, da política do Estado peruano... Quando a gente achava que estava tudo tranquilo, depois de ter vencido essas etapas importantes, começamos a nos deparar com uma outra situação muito difícil: as invasões pela fronteira, pelo lado peruano. Essas invasões são muito mais difíceis pra gente resolver, porque nós temos que lidar com um outro país: tem limites de fronteiras, tem outras leis. Muitas vezes a gente teve que recorrer ao Estado brasileiro para que ele fizesse essa articulação com o governo peruano. Está sendo a pior fase da nossa vida, estamos vivendo de ter que combater isso: tentando fazer o governo peruano se sensibilizar, tentando fazer as entidades do lado do Peru se juntarem a esse projeto que nós estamos trabalhando, tentando fazer as comunidades da fronteira entenderem que ninguém está querendo tirar a tranquilidade de ninguém - pelo contrário, estamos querendo a paz nessa região.

Estamos sofrendo muito com as invasões peruanas para roubar madeira em nossa terra, porque já deixou nossa comunidade com mais uma responsabilidade, com mais um trabalho. A gente já tem bastante coisa para fazer e agora ainda temos que cuidar da fronteira e ajudar o nosso país vizinho a pensar uma política diferente. Uma coisa que a gente não consegue entender é até onde vai essa maneira de pensar, essa exploração. A gente não é contra os peruanos pensarem e fazerem o seu desenvolvimento, mas eu acho que para ser um vizinho bom, para ter o nosso respeito, tem que respeitar a gente também.

Na fronteira do Brasil com o Peru, nós temos os povos indígenas isolados, ainda sem contato. As pessoas que estão abrindo as estradas para a retirada das madeiras não estão respeitando esses povos; estão espantando, tirando a tranquilidade deles e ocupando seu espaço. Esses povos podem se acabar por causa dessa situação. Eu acho isso uma falta de respeito muito grande. A gente não sabe onde isso vai parar. Por isso, tem que envolver várias instâncias, tem que juntar as instituições públicas municipal, estadual e federal, as ONGs, para discutir os problemas que nós estamos vivendo na fronteira Acre/Ucayali. Temos que estar todos juntos, compreendendo a região como um todo, porque temos que pensar num desenvolvimento que respeite a todos.

Hoje, eu acho que talvez a gente tenha conseguido chegar ao nível mais alto, possível, em termos de conforto, de tranquilidade, de liberdade e de autonomia. Agora, o nosso trabalho é pra manter isso. A invasão peruana na nossa terra já saiu da nossa capacidade, já não é nossa competência, estamos tendo que lidar com outros projetos que estão prejudicando o nosso. Quando eu falo da gente ter alcançado esse nível mais alto, estou falando da consciência de se ter um território, de saber da importância dele, dos rios com as águas limpas, com os peixes, com as florestas, com as espécies da fauna e flora sendo cuidadas - falo dessa consciência que a nossa comunidade tem sobre o presente e o futuro. Com o trabalho que a gente vem fazendo no sentido de se juntar, de levar essa experiência para outras comunidades, a gente quer ampliar essa consciência. Acho que a gente conseguiu andar muito nesse sentido, nossa parte interna está bem feita. Hoje, os problemas mais sérios que estamos vivenciando vêm de fora, vêm de um outro país, do Peru. Toda a nossa fronteira vem sendo invadida sistematicamente, inclusive o Parque Nacional da Serra do Divisor. Estamos dependendo do poder público dos dois países para resolver essa situação, estamos nas mãos dos outros. Existe uma frase que

é sempre dita pelos Ashaninka: “É melhor morrer lutando, agora, de barriga cheia e com as condições que a gente tem, do que mais tarde morrer de fome”. Essa é uma posição muito clara, porque a nossa comunidade está disposta a lutar, a enfrentar o que tiver que fazer para manter o nosso projeto firme e forte, é o exemplo que a gente de sustentabilidade.

No Brasil, a gente vê que houve um avanço muito grande, dá para comparar um pouco com o que está acontecendo, hoje, no Peru. Isso a gente viveu há 20 anos atrás, no tempo em que era uma terra sem lei, as pessoas chegavam de fora e mandavam na nossa região. Mas agora, no Brasil, a gente tem um Estado se em algum lugar estiver acontecendo uma invasão, é roubo. As pessoas não estão mais livres pra fazer o que querem, isto porque existe providência. A gente tem o território aqui do lado do Brasil já definido, tem Reserva Extrativista, tem Parque Nacional, tem Parque Estadual, tem Terras Indígenas. Nós temos aqui um desenho bem definido, uma política muito clara de respeito ao meio ambiente e à diversidade cultural. Agora, nós temos que trabalhar pra manter tudo isso. Não está tudo resolvido, ainda tem gente queimando, ainda tem gente roubando, mas à medida que a gente tem mais consciência, vamos lutando para organizar melhor. À medida que vai crescendo a consciência das comunidades, elas vão trabalhando as suas defesas, vão se juntando aos outros, e assim a gente passa a ter um Estado controlado. Já no lado do Peru, acho que está havendo uma invasão muito grande nas comunidades indígenas. Elas vão se deixando levar por essas invasões, por essas políticas, e vão ficando fracas. A gente vê as comunidades indígenas e suas lideranças sendo pagas, sendo enganadas, e aí vai se legitimando as invasões. Talvez exista muitas comunidades indígenas no lado peruano que ainda são contra esse tipo de invasão, mas elas são pequenas diante da força enorme que existe. É uma força muito grande em cima dessas comunidades, elas precisam de apoio pra poder desfazer tudo isso, para denunciar todo esse projeto de destruição e desrespeito ao meio ambiente e à vida.

Francisco Pyanko Ashaninka



INTRODUÇÃO

O Plano de Gestão Territorial e Ambiental do povo Ashaninka do rio Amônia vem se construindo a partir da discussão coletiva, comunitária. O Plano de Gestão do nosso território está acima de tudo, porque ele tem a cara da comunidade, o pensamento da comunidade, ele tem tudo aquilo que a comunidade pretende fazer. Ele foi criado a partir de conversas familiares, das conversas sobre as necessidades, sobre as invasões. Ele está sendo desenvolvido para fortalecer a nossa comunidade, para que futuramente não precisemos estar subordinados a uma política do entorno. Cada vez mais o plano de gestão está se aperfeiçoando a partir das nossas conversas, dos nossos enfrentamentos, das nossas dificuldades.

Para nós, povo Ashaninka do rio Amônia, toda a década de 80 foi uma época de mudança na política de organização da própria comunidade, quando passamos a ter um território próprio. Com a demarcação da nossa terra, veio de uma vez a necessidade de se pensar alternativas de repovoamento, de enriquecimento das áreas que já estavam escasseadas, para que a gente pudesse ter ali o nosso próprio mercado, a nossa própria subsistência a partir dos recursos naturais. Para nós, Ashaninka do rio Amônia, já existia a idéia de um Plano de Gestão para o nosso território, tanto que em 1993 várias pessoas já falavam de refúgio de caça. Foi uma idéia nossa, a da criação de uma área de refúgio para as caças dentro da nossa terra. Já naquela época discutíamos o manejo de tracajá, a suspensão de caçadas com cachorro em algumas áreas, o plantio de madeira em algumas capoeiras e roçados, ou nas fazendas deixadas por famílias que criavam gado e que saíram após a demarcação da nossa terra. Nós tínhamos essa idéia na prática, nas nossas conversas, nas nossas reuniões, e cada família entendia que isso nós tínhamos que manter.

Em 1995, com a chegada do professor e do agente agroflorestal, se estabeleceu uma política mais detalhada. A gente tinha criado uma área de refúgio, mas ela sofria exploração dos invasores. Então, a gente começou a trabalhar na fiscalização. Também ampliamos o trabalho de reflorestamento de algumas espécies nativas e, em algumas áreas, de espécies exóticas. A gente trabalhava nisso há séculos, só que a

nossa forma tradicional de usar o território era outra. Nós não tínhamos o costume de plantar algumas espécies de frutas que demoravam entre cinco a seis anos para crescer, porque não dava para a gente colher; nós passávamos um período curto nos lugares, éramos meio nômades. Ficávamos num local três, quatro, cinco anos e dali já tínhamos que sair para abrir um novo roçado em outro lugar. Mas com a conquista do território não tinha mais como fazer isso, em 1995 a gente fixou-se num local, na ponta da área. Com toda essa luta da comunidade, vejo que o Plano de Gestão Territorial e Ambiental é uma forma da gente se organizar melhor, de planejar melhor o uso do nosso território e dos recursos naturais.

Quero dizer que a gente já tinha um Plano de Gestão na prática, agora ele está sistematizado e podemos divulgar e registrar o que a gente já faz, porque só o papel não faz nada. O papel é um registro, o que vale é o que está na consciência das pessoas, a idéia, a criatividade que vai surgindo de acordo com a necessidade. Qualquer sociedade, qualquer ser humano pode ter esse Plano de Gestão, mas nós o criamos dentro da nossa necessidade, nas nossas reuniões, nas nossas discussões. Mais recentemente, a partir de 2000, a gente começou a fazer o primeiro registro em papel do nosso Plano de Gestão. Em 2004, com as oficinas de etnomapeamento organizadas pela Comissão Pró-Índio do Acre, a gente formulou a idéia de que cada Terra Indígena tenha o seu próprio Plano de Gestão.

Hoje, a gente está divulgando algumas partes daquilo que a gente já fez e outras que a gente está sonhando em fazer. Também abordamos algumas dificuldades que a comunidade enfrenta, por exemplo, a escassez de animais, a exploração e a falta de conscientização da população do entorno, a questão da moradia. Houve um tempo em que a gente se voltou para a urbanização branca, por causa da necessidade. Hoje, a gente se planejou para voltar a forma tradicional, não tumultuar as moradias uma em cima da outra. Hoje, a partir da formulação do Plano de Gestão, a gente refletiu sobre a nossa história e começamos a ter novas idéias sobre como fortalecer a nossa forma tradicional de se planejar.

O Plano de Gestão Territorial e Ambiental não é um plano para fechar as idéias de uma sociedade, ou para eliminar qualquer idéia, ou qualquer forma de ser, mas é para fortalecer aquilo que está acontecendo

na prática. O Plano de Gestão, para nós Ashaninka do rio Amônia, é muito importante. Se hoje alguma comunidade passa pela situação que nós já passamos, a gente pode chegar até lá e divulgar, falar da nossa história, e assim estar contribuindo com aquela comunidade. A partir dos nossos conhecimentos sobre a floresta e com a diversidade que temos, a gente pode separar algumas áreas que servirão futuramente para as caças, e para o próprio ser humano. Se nós usarmos o Plano de Gestão dentro da nossa concepção de mundo, a gente terá sucesso. Agora, não adianta ter o Plano de Gestão, mas seguir a orientação do mundo de fora, desse outro mundo que não cabe a nós planejar e pensar. Acho que o Plano de Gestão Territorial e Ambiental do povo Ashaninka está situado dentro da realidade das nossas práticas. Amanhã, o Plano de Gestão também pode ser outro, porque para nós ele é só um registro onde acrescentamos sonhos e marcamos o tempo, mas ele não determina nenhuma alteração que venha a desequilibrar o nosso jeito de viver. Se a gente pensar que antigamente nós vivíamos em territórios sem fronteiras e que hoje o nosso território tem limites, a nossa exploração também vai ter que ter limites.

Então, no meu entendimento, o Plano de Gestão é basicamente isto: fortalecer aquilo que já existe e aquilo que ainda queremos fazer. Porque se a gente não fizer isso, não teremos mais vida, não teremos mais água, não teremos mais uma boa vizinhança. Se os nossos vizinhos estão iludidos em só criar gado sabendo que ali a terra não é apropriada (pois se desmatar ela desmorona), então nós temos que observar, acrescentar isso no nosso Plano de Gestão e divulgar. Não vai servir só para nós, vai servir para outros povos também. Porque nós já sabíamos, a partir de um pensamento nosso, mesmo sem a escrita, nós já começamos a pensar nisso. Se nós tivermos criatividade de formular alguma coisa concreta na nossa comunidade, podemos colocar essa experiência no Plano de Gestão para divulgar pros vizinhos, nas escolas, nas reuniões, nos encontros, e assim ele vai poder ajudar muitas pessoas a rever muitas coisas.

Hoje, a grande força nossa é pensar o uso dos recursos naturais de forma bem planejada, ver o que prejudica e o que não prejudica o meio ambiente. Se algo prejudica o meio ambiente, e se hoje a sociedade não está preparada para largar porque depende daquilo, a gente tem que começar a trabalhar para

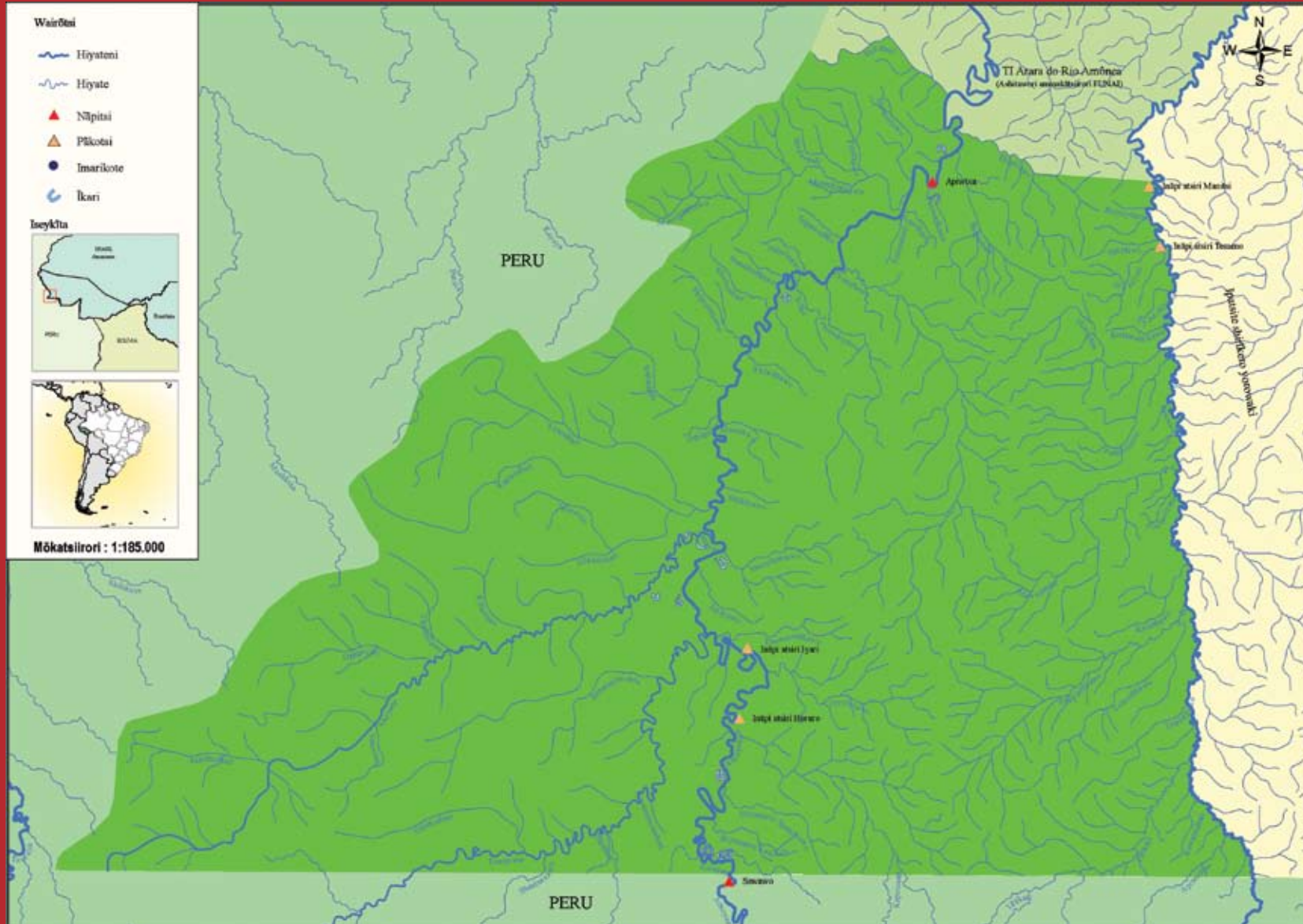


que um dia aquilo não aconteça mais. Atualmente, uma questão muito difícil para nós é o problema da invasão do nosso território, tanto pelos brasileiros como pelos peruanos. Para nós, é necessário ter sempre uma área de reprodução de caça para que ela também possa subsidiar o vizinho. Para que o vizinho não se sinta sem a base alimentar - a carne e o peixe -, e comece a explorar os recursos de uma forma mais organizada, mais planejada. Para que ele pense em criar, plantar, e não compre sardinha em lata que vem não sei de onde. Conviver com a diversidade é também dar espaço para que os animais se reproduzam. A nossa idéia de criação de animais silvestres é para mostrar que é possível criar qualquer tipo de animal. Não somente criar, mas também dar suporte à espécie que esteja ameaçada de extinção. No nosso Plano de Gestão a gente visa muito isso: se alguma espécie está em extinção, a gente registra e vamos ver o que podemos fazer por ela. Nós temos algumas espécies que estão em extinção, o mutum, o macaco preto, o macaco barrigudo e existe possibilidade da gente auxiliar e fortalecer essas espécies. Vamos trabalhar para que a gente ajude os animais da mata a sobreviver, para ter sempre eles junto da gente.

Nosso Plano de Gestão é basicamente isso, vamos divulgar para que se torne uma política pública para outras terras e vamos mostrar para o governo e para outras pessoas que desmatam que é possível produzir e conservar os recursos naturais em pequenos espaços.

Professor Isaac Pyanko Ashaninka

AYAWÖTATSIRO HIYATENE AASHI IPATSITE ASHENIKA AMOYSATSI



ASHE AMINÄTXARI AIPATSITE ASHANINKA EERO ITHÖKATXARI ASHE.

AAKA SEYKAYETSIRI ÄTAMIKI EEHATISITA AASHE WIRAKOTXA

SEYKAYETSIRI OKOWAKINE AIPATSITE



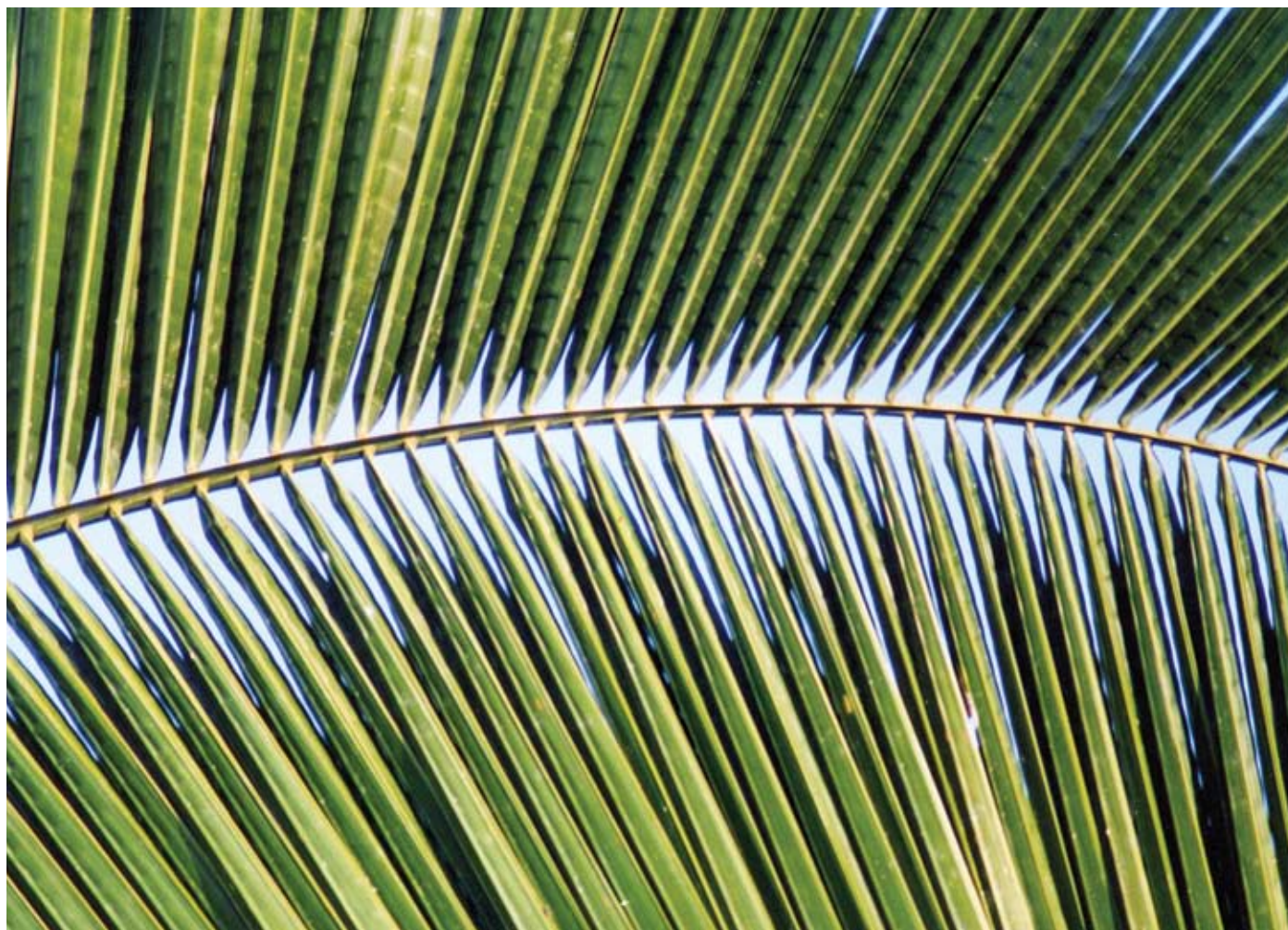


I -SEYKAYETSIRI ĀTAMIKI

1 - Tsirotsiiki: Akoyiteri tsirotsiiki ashi opimātxaa: apaa akoyiteri seikatsiri othapiyaki hiyatene eehatsii ātawa, okakini anāpi awotsiki. Aririka akoyiteri tsirotsiiki othapiyaki hiyatene, ātawaki eero athōkiri mawoyni otsiimatxe ookere apawopayni ashi royari tsimeri-payni. Eero akoyitsii niyākimashiniki ookeniri ashi royari tsimeri ikemita, kiteyriki, shitori, shawo, orishitsii, meyiri eehatsi itsipa-payni owariri. Akoyiteri okaate 300 osāthate (metros) hiyatxeraki, eehatsii ātawaitapita okakini anāpi.

2 - Okithoki itxato-payni: Opoya 1993 aretakari 1996 anāpiki awetsiikakiro akoyite apawo-payni itxato okithoki ashi opimātxaa (āpeniroki, paato, tairi, kowe*, sātari, yopo, hiriwatsiiki, sātsiimatsiiki, etatsi otsipa-payni.) Akoyitātari okithoki itxato-payni ashi apākitātxaari ithomoitaki aipatsiiteki owātsi-poshiki eehatsii hekoki wiraoktxaki. Okāta 1996 etatsi akoyitsii ashi opākitxa anāpiki, ayaātxaari okakini hirika-payni itxato. Okāta eehtsii apiitero akoyitero okithoki itxato-payni 2005 ashi opimātxaa.





3 - Okithoki itxato: aitsiuro ashi owetsiikātxaari txooshiki eehatsii thatanetsi āpaakite okakine anāpiki hiroka itxato-payni aitsiuro ikithoki ashi txooshiki eehatsii thatanetsii. Eero atowiro itxato aririka akowi ayero okithoki, aminero tsiika akātero aātxaari atetakotero henoki akonaitakotero, atetakotātxaawo shiwitha iyoreka wirakotxa .

4 - patsitaki; ithakātaitari māpetha eehatsii kitharetsi: Ayero kametha eero athōkiri atapottsiiiri ashayiri mawoyni otaaki opōkitsii itxato, aririka athōkeri ataki ikamaki. Āpākite hiroka-payni itxato aitsiuro ithakātxaari māpetha, kitharetsi okakine anāpiki okeita; owātsiki eehatsii opākitapita pākiretsi.

5 - Kamarāpi: Eero opimātxaa hirika kamarāpi, irotaki ashi iyoreka ashenika rokakeri pairani pawa, eero apimātawetsii apatsiuro ireeri aaka . Hirika irapitsiuro iritaki amineroni eero ithōkāta, otsiimatxee ipākitero owātsiki, owātsi-poshiki eehatsii opākitapita pākiretsi.

6 - Txaamayro: Hirika txaamayro tekatsi haka aipatsiteki ,otsimatxee akekithashiriyeya tsiikarika oseiki ameeri āpākite haka anāpiki. Irotaki eehatsii riyoreka rashi ashenika . Iroyaka etatsi raminayetsii ashenika-payni tsiika initaperotsiika ishooiki kipatsi, aririka iyaki tsiika initaperotsiika irohatsii ipākiteri osheki . Ātakayiri wirakotxa kekitharetsi akamāteri riyotātxaari tsiika iiteroka ātari ashenika txamayro, akowakoteri ātxaari txamayro eehatsi aminero tsiika oseikika aminakotero eero ithōkāta .

7 - Itxashi aitsiuro awitātxari mātsiiyaretsi-payni: Mawoyni ashitawori pākotsi atsiuro otsiimatxee ipākite hiroka-payni itxashi okakine ināpiki, iyātxaawori rawitawo okakine ināpiki. Ātero apaani oshawori owātsi opākitātxaari osheki hiroka-payni itxashi awitawōtsi, hiroka owātsi aminerine ātariite yotsiuro eehtsii aminiro mātsiyari-payni anāpiki. Mawoyni ashitawori pākotsi atsiri raminero itxashi-payni okatsi riyotsiuro seikatsiri itayni ramero ipākitero okakine ināpiki. Akowakotairo yorekātsi ashi itxashi-payni osākinatakiro pairani Margarete.



8 - Tsiitama: Iroyaka ātakiro iroperotātsi, tee atowairo tsiitama aririka akowi ayero oshi tsiitama ataitaktero henoki. Ataitakotātxaawo shiwitha iyoreka wirakotxa, mawoyni ashenika ari ikātakiro haka anāpiki.

9 - Koriyawa: Eero atoware koriyawa aririka ayeri, hame āpākite koriyawa haka aipatsiteki tekatsi-pero okakine apatsiuro itayna.

10 - Itxato ātātaitari pitotsi eehatsi tapo: Aminaperotero itxato itsiimika atoweri ātātxaari pitotsi eehatsi tāpo. Aririka atowakiri athōkeri mawoyni itxato eero rapatāta, iririka yopo ashayero mawoyni otaaki othakātxaari tsinani-payni kitharetsi.

11 - Sātari-payni: Aminero aipatsiteki okaatsii sātari-payni tsiimatsiri, oyatakotero eehatsii okatsiika osaretsi rātaritātxaari. Aamawetapitatxari mōkataka raminakotero sātari-payni ātamiki. Eero atoweri sātari eehatsii yopo ātātxaari pākotsi. Akekithashiriyeya tsiika akāteroka ayotātxaari ikatsiika tsiimatsiri asātarite. Aminero athōkeri towātsi-payni eehatsii txiikawo sātari-payni.

12 - Txotxoki-payni seikatsiri ātamiki: Aririka akowi ayeri txotxoki eero atoweri. Ateitakotero henoki eehatsii ateitakotātxaawo shiwitha. Pamaki, mapaki, potxoyniroki, ōpikiritoki, sheyaki, toniroki, tsiretsiki, manitsiiki, kanirishithaki, tsitaki etatsi otsipa-payni.

13 - Ayotero ashi ātami: Aminero oitaka ayotero yorekātsi ashi ātami eero otowāta itxato-payni, hiroka ayotero ashi opimātxaa tsiikapaiterika paata.

14 - Akekithaweitakayeri seikatsiri nāpitsiki: Akekithaweitakayeri hewari-payni seikatsiri nāpitsiki ashi governo ikemita (IBAMA, IMAC, SEAPROF, EMBRAPA, Universidade) ramitakotai aaka ashenika aminakotātxaawori ashi aaka ātamite haka aipatsiteki.



II - TSIMERI

1 - Otsitsi: Eero apirataro eehatsii eero aamawetakayiri otsitsi (paworishito, amerikano, itsipa-payni.) ashi ātariwatha-payni ikemeta; maniro, kitayriki, shitori, eehatsii kemari) omishirikari tsimeri itayna. Hirika otsitsi iriyayeriki kaari ātaritatsiri, iropero pipiratxaari ashi pithatakayeri owawori kaniri ikemita: samani, ipetsii, eehtsii shawo. Apaani ashitawori pākotsi atsiiri ipiratxaari apite itsiimika kowatsiiri.

2 - Amawetaātsi: Ayotero tsiika-paiteka itsiimi iriyani-payni tsimeri eero amaweta osheki aripaiterika iriyaniitsii tsimeri-payni.

3 - Ipetsii eehatsii kosaniri: Okemita hirika-payni tsimeri Ashenika tee howaari, haka aipatsiteki tsiimatsi osheki hirika tsimeri. Okemita ipetsii ithōkiro pākiretsi-payni ipākiitsiuro ipanekiteki osaretsi-paiteki. Iwatha ashi kosaniri eehatsii ashi ipetsii otsiimetxee oyari aririka otsiime kekitharetsi (curso) ātawo apatoitātsi kekitharetsi koyatatsiri Apiwtxaki. Ākekithatakayeri IBAMA ashi opimātxaa iwatha ashi kosaniri eehatsii ipetsii.





III - OIRIKĀTXARI SHIMA

1 - Wakashi: Kekithataātsi ashi wakashi eero opākitxaa osheki owātsiki, āpākite 3 eerorika 4 opōkitsii.

2 - Shimataātsi akamaatsii: Erro akamaatsii osheki, akamaate apaani osaretsi apite osaretsi eero akamaatsii.aririka aretakiya osaretsi akamaatātxaari otsiimatxee ātero ketsiiroyni kekitharetsi, eero athōkiri akamaatsi mawoyni omotxaa.

3 - Shimataātsi shiriyametotsiki: Eero apaashikero itxapoki-payni apasakaweite.

4 - kepitsii: Eero oteyeri kepitsii aripaiterika iithokitsii.

5 - Otsiimatxee āteero ikari: Otsiimatxee āteero ikari wetsikātsi, mawoyni atsiri oteteri shima itsiimika akowiri, ātero apaani ātari ashi mawoyni ashenika seikatsiri haka anāpiki ashi shepiri, sawee eehatsii shima.

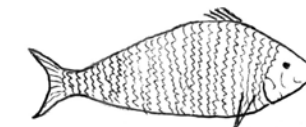
6 - Otsiiyari shima: Otsiimatxee aminere apaani ashenika oyatakoterine aminerine otsiiyikari, ikekithatakayeri wirakotxa-payni seikatsiri nāpitsiki M. Thaumaturgo eehatsii amoyaneki. Okemita iroyaka werakotxa-payni tee ishenetsiiri otsiiyikari shima rawishi katōko, ithōkiri mawoyni awikitātari maāka oshenika shiriyametotsi, itapotsiiri inoshikiri ipanekiteki ithōka rawikitsiiri mawoyni shima iriyayeeeri.





7 - Ikari: Hirika ikari-payni ashiryatapitsiiri eero athamaitsiuro othapiyaki eehatsii eero ookero itxapokite okātawakata ikariki.

8 - Ātami itsiimānikitātxaari tsimeri-payni: Hirika kipatsi ātami ashi itsiimānikitātxaari tsimeri-payni. Ketsiiroyni hiroka kipatsi etakawo hiyateniki; Asoyane eehatsi Tawayaneki, ishitowātaari pairani wirakotxa. Otsipa kipatsi ātakiro ookātawori pairani katōko, apokātaari haka kirika osaretsiki 1995. Okātaka osaretsik 1999 ari etanaka ikiyātakari ayirori sātari perowano, raretakawo hirokaki kipatsiki ātami itsiimānikitātxari tsimeri-payni, inoshikitari apawo-payni ashenika seikatsiri hāta okakini ātawaitakayiri hāta. Kashiriki agostoki osaretsi 2004 etaawori kipatsi ātami itsiimānikitātxaari tsimeri rapiitakiro ikiyaki, iroyaka rowikakiro oitarika riyoreka oshawori koyapiu hiyateniki tawayaneki, rowikakiro niyākithakeniki irohatsii aretaka aatariki ithōka ikamaki osheki ama apite toneladas shima kamāitsiri.





IV - OWĀTSI

1 - Owātsi: Ari ākātero ātero owātsi-payni owātsi-poshiki. Aririka āterorika owātsi ātawoki ātami, otsiimatxee aminero itxato-payni tsiimatsiri haka kipatsiki ātātxaari owātsi. Âtero kekitharetsi aminātxaari kipatsi tsikahātaka opākitapitxaa kaniri.

2 - Okithoki pākiretsi: Otsiimatxee ātero kekitharetsi eero othōkāta okithoki-payni iwākiri ashi ashenika.

3 - Âpe: Awisaki kariperotaātsi haka tee onitaperotsi hiroka pākiretsi āpe, oitarika awishimotakiriri kari initaperotātari kametha. Eero okoyatāta hiroka kariperori, otsiimatxee āpākiteri āpe tsiikarika itayna owakirariki owātsiki. Otsiimatxee amineri itsiimika yotsirori hiroka mātsiyaretsi, ipoki raminero ramitakotay othōkātxaari.

4 - Ayōparitero okithoki pākiretsi-payni: Okemita okithoki-payni pākiretsi ashi ashenika kari tsiimatsiri haka anāpiki otsiimatxee aminero tsiika oseikika, ākowairo amairo āpākitairo haka anāpiki owāneki ashenika amoyasatsiki. Hiroka okemita ashi okithoki pākiretsi ashenika hātsiuro ipawaka, hame ashitsitero eero othōkāta hiroka oshawori kekitharetsi.





V - PĀKIRETSI-PAYNE

1 - Owātsi ashi pākiretsi: ketsiroyni tekatsi owātsi ashi pākiretsi haka anāpiki. Iroyaka mawoyni ashenika ipākitaki owātsiki eehatsii okakini ināpiki, ari ākātero eero apakayiro hame āpākite eehatsii seikatsiri ātamiki; txotxoki, sātari-payni, itxashi awitātxaari eehatsii otsipa-payni pākiretsi. Pākiretsi-mashiki otsiimatxee ayotero kametha tsiikarika āpākiteroka eehatsii atsiipatairo osheki pākiretsi-payni.

2 - Owātsi-poshiki: Aminero āpākite owātsi-poshiki itsiimika akowiri āpākite itxato-payni okemita; sātari-payni, tsiitama, tsiretsi, txorina, kāpona, sheyaki otsipa-payni. Ayātxawori otsiime eehatsii hiroka itxato-payni owātsi-poshiki.





VI – EERO ITHŌKĀTXARI APIRĀTĀTXARI TSIMERI-PAYNE

1 - Āyri ātamawero: Eekiro aminero apiratxaari ayri-payni okakini anāpiki awākiri-mashiki. Ayeri iwaaki kametha eero owamayiri itee ishiyakari, aminaperoteri kametha amitakoteri eehatsii ayeeri paata.

2 - Sawawo: Apiratxaari sawawo ashi ayeri imāpo owanekatātxaari athatane-payni. Apiratxaari oshiki iroo awākayeri apawo-payni ipiyeeta eehatsii ātamiki.

3 - Thamiri: ayātxari apiraatxari thamiri, eehatsita amineri yotsirori kametha.

4 - Aminakoteeri shepiri: Aminakotakiri shepiri etanakawo 1990 aretakawo 2002 ketsiiroyni apatsiiro ātakiro eero othōkiri ayiri ithoki mawoyni eehatsii eero oteyanairo ātari-payni. Okātaka 2002 aminakoperotanakiri omorekitakiri ithoki itasakitātxaari apiteki ipanekiteki, owetsiikaki apita (2) ikari wetsikātsi (açudes) okātaka tasakotaka 1.400 shepiriyani. Eero apakayita eehatsii omorekiteri ithoki, aririka ithokanaki hirika ishitowatsiri ketsiiroyni ari aminero tsiika ākāteroka. Kashiriki agostoki osaretsiki 2.004, aaki 31 imoori ithoki. Sawawosatsii ama rowakari 21 imoori ithoki teekirata ayirita ashenika Apiwtxasatsi omorekiteri ipanekiteki. Sawe - tsiimatsi kekitharetsi ikātsii IBAMA aritaki ipakay, apaani osaretsi ripay 1.000 iriyani sawe irohatsiita aretakiya 5 osaretsi ripay. Konoya – Hirika konoya riyātakawo haka ashenika ipiratari. Iroyaka apa tsiimatsi 45 konoya apaniki itātotakotaka, okaatsii osāthatsii 30 x 30 metoro. Kātaka haka itātotakotaka ithkaki.





VII - NĀPITSI

1 - Aminakotero asekaneki apiwtxa: Iroyaka ātero apāko ookanetero otsipa ātxaahayni okākiteta niyākini kama ipākitātxaari ashenika-payni iwākiri.





VIII – KARIPERORI OKAYETSIRI ATSIRI-PAYNE

1 - Kariperori: Haka anāpiki otsiimatxee amineri ookatxari karipero, akoyiteri iro anairi ookeri kirika nāpitsiki (piiraki wateriya otsipa-payni). Akowakoteri município raminitxaawo hiroka yaātsi.

2 - Kariperori: Âtero kekitharetsi anāpiki ākāteri mawoyni ashenika ipiyoteri kariperori riyotero kariperotatsiri ikemita; poteriya, plasticori, iratanaki, materiyamashi eehatsii otsipa-payni. Iroyaka itsiimika iriperotatsiri ataki ookeri itsipaite ithōka ikemita: itaki kaniri, itōki tsimeri, oshiteki eehatsii otsipa-payni.

3 - Eero ookaweitashita kariperori: Âtero kekitharetsi anāpiki mawoyni aminerei pokikari aretatxari eero rokāwaitsii anāpiki kariperori, aririka ayakirerika tsiika rokakiroka otsiimatxee ākāteri ikoyitanairo ranairo tsiika ipoyakanakirika ināpiki. Haka anāpiki otsiimatxee akoyiteiro; piiraki eehtsii wateriya iro ookero nāpitsiki.

4 - Ishitametotsi: Mawoyni ashenika ashitawori ipāko otsiimatxee rātero rashi rishitameto.





IX - HIYA

1 - Aapita hiya: Otsiimatxee ātero ahiyatene aapita hiya ashi ireeri, ātanaki otsipa ashi okiwapiuta mathātsi eehatsi ashi akawoshitātxaari. Eero ookaweitsii kariperori okakiniki ahiyatene, eero ātsii ishitametotsi, eero ookiri tayikaro iyeka ashi motoro hiyaki. Akowakoteri seikikari ātawoki nāpitsi governo rātero ahiyate ātawo iropero kametha irero kitxaari hiya.

2 - Oyapiteki opoyawo ihiyate amoyane: Aminakotero opoyawo ahiyatene-payni, ātero kekitharetsi mawoyni seikatsiri amoyaki ashenika, wirakotxa eehatsi ihewarite nāpitsi M. Thaumaturgo. Hame aminakotero ahiyate.





X - AMINĀTXARI AIPATSITE

1 - Aashi amitakotātxari aminātxari aipatsite: awetsikeri roperotātsi aashi aminātxari aipatsite, akematxari FUNAI amitakoteri aaka, aminātxari hipe iseyki koriki itsipatari PDPI amanātatxari oitatari-payne, sawiri, monishoki, kiroshi, otamentotsi.

2 - Ashenika owakira poyikari perowanoki: Iroyaka eero oisakeri owakira pokatsiri ashenika poyikari perowanoki haka aipatsiteki Ashenika Amoyasatsi, ramitakotsiirikari koshitatsiine sātari-payni perowano.





XI – SEYKATSIRI OKOWAKINI AIPATSITE

Aretātawakaya otsipaki seikanetsiki: Âtero hiroka kekitharetsi aminakotātxaawo ātami mawoyni haka yorowaki. Eehatsi ātero kekitharetsi apatoteri mawoyni hawari-payni ashi; Apiwtxa, RESEX, ashi Assentamento, Sawawo-satsii, M. Taumaturgo. Hiroka apatoitaātsi kekitharetsi ashi ayotawakaperotātxaari tsiika ākāteroka otsiinātxaawori anāpi, ayātxaari otsiimi oitarika akowi ashi aaka aipātsiteki.

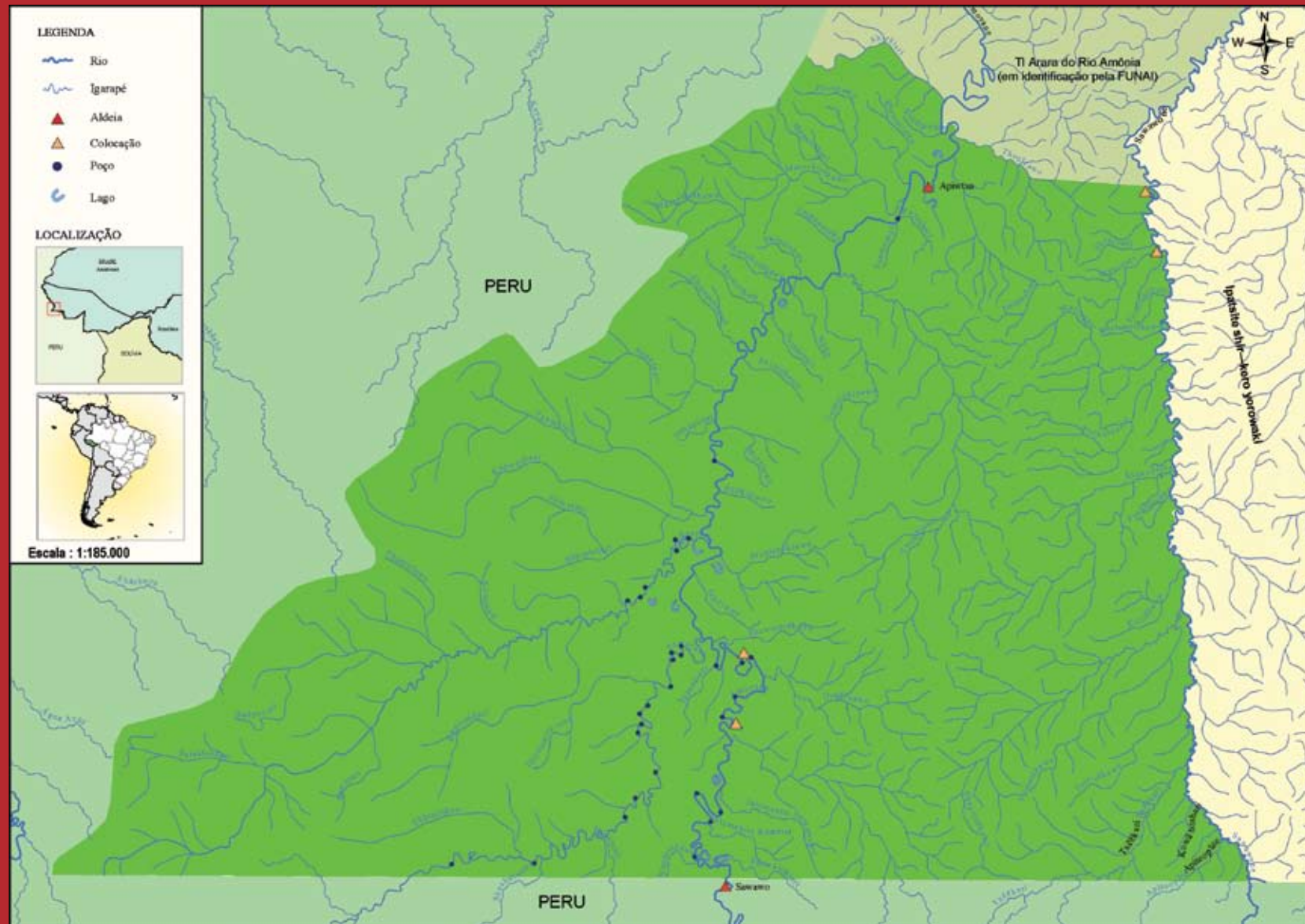
Akekithatakayeri ashitawori pākotsi-payni: Akekithatakayeri atsiri-payni wirakotxa rātero ashi iriroori rātaweire akemita aaka, tsimatsi wetsiikawetakawori ikemita; Marito, Antonio Caxexo seikatsiri RESEX irotaki iropero raminakotsiitxaawo ashi irirooro ināpiki.

Yaanatsikari asi nāpitsi: Aameri yaanatsikari ashi município Marechal Thaumaturgo raminātxaari akātsiiroka aaka haka ātsiuro ātaweitsii anāpiki aminakotsiri ātami.

Kekitharetsi ashi mawoyni: Âkeymeri prefeito ashi Marechal Thaumaturgo ikemātxaari eehatsi kekitharetsi tsika akātsiiroka aminātxaawori ātami ashikira aaka ikatsiira município, mawoyni otsiimerika kekitharetsi otsiimatxee ameeru ikemisātātxaari eehatsii.



TERRA INDÍGENA KAMPA DO RIO AMÔNIA



PLANO DE GESTÃO TERRITORIAL E AMBIENTAL DA TERRA INDÍGENA KAMPA DO RIO AMÔNIA





I – RECURSOS FLORESTAIS E FLORÍSTICOS

1 - Murmuru: A coleta para a venda deve usar os indivíduos localizados nas margens dos rios e nos caminhos próximos das casas de moradias. Quando fizer a coleta nas margens dos rios, procurar deixar sempre alguns murmurus para as caças se alimentarem. Não fazer coleta dentro da mata para deixar para as caças se alimentarem, por exemplo: o porquinho, a queixada, a cotia, a cotiara, o quatipuru, etc. Coletar até 300 metros a partir da margem dos rios e igarapés, na área de uso da aldeia

2 - Semente Florestal: De 1993 a 1996 a comunidade se organizou para fazer a coleta e venda de algumas espécies de sementes florestais (mutamba, atopa, mulateiro, mulungu da várzea, copaíba, cedro, aguano, bálsamo, san pedro, cumaru, pau d’arco, etc). Um dos objetivos era o plantio e reflorestamento dentro da terra indígena e fora dela. De 1996 em diante, cada família continuou a coletar e a plantar para a manutenção dessas espécies. Não devemos derrubar as árvores para fazer a coleta da semente, devemos fazer sempre um manejo sustentável e usar material de alpinismo para a coleta.

3 - Sementes de artesanatos: Plantar as sementes que são utilizadas para o artesanato próximo das casas de moradias. Não devemos derrubar as árvores para fazer a coleta da semente, devemos fazer sempre um manejo sustentável.

4 - Tintas florestais (pigmentação): Fazer o manejo sem tirar toda a casca em volta da árvore, pois a árvore morre se a gente anelar. Devemos plantar essas espécies perto das casas ou nos sistemas agroflorestais. Guardar a casca protegida para que ela dure bastante tempo, evitando desperdícios.



5 - Kamarãpi (cipó): Fica proibido o comércio do *kamarãpi*, pois ele é considerado uma planta sagrada para o povo Asheninka e não deve ser vendido. As pessoas responsáveis pelo seu uso devem fazer o manejo sustentável da planta, plantando-a na mata, nos sistemas agroflorestais ou próximo de sua moradia.

6 - Txamayro: O *Txamayro* é uma planta sagrada e muito importante na cultura dos Asheninka. Aqui está sendo feita uma pesquisa para observar os locais de plantio em que ela se desenvolve melhor. Planejar reunião com os moradores do assentamento e da Reserva Extrativista do Alto Juruá para informar o que é o *txamayro* e sua importância na cultura Asheninka, falar da pesquisa e solicitar autorização para a coleta e zelo da área onde ele se encontra. Localizar nessas áreas os locais onde estão os partidos de *txamayro*.

7 - Plantas medicinais: Cada família deve ter um canteiro com várias plantas medicinais próximo de suas casa. Deve ter uma “farmácia viva” e estar sempre preocupado em enriquecer o viveiro com várias plantas medicinais. Devemos ter um centro medicinal, administrado pelos pajés e agentes de saúde indígenas, com todas as espécies e variedades de plantas que curam. Cada família deve observar as plantas importantes que estão longe de casa e trazer para perto, para atender os imprevistos. Recuperar a pesquisa sobre plantas medicinais feita em colaboração com a pesquisadora Margarete Mendes.





8 - Jaci: Está sendo feito o manejo da palha do jaci. Para a coleta, usamos equipamento de alpinismo em toda a área da aldeia.

9 - Coco inajá: Devemos evitar a derrubada e fazer o plantio, pois é pouca a quantidade de coco inajá na Terra Indígena.

10 - Madeira para construção de canoas e tambores: Devemos escolher bem as árvores para construir canoas e tambores. Derrubar e aproveitar bem todos os paus, as cascas e os galhos.

11 - Madeira de Lei: Fazer uma pesquisa sobre a abundância das espécies de madeira de lei mais usadas e suas taxas de crescimento. Os caçadores podem trazer informações e fazer o registro. Não usar cedro e aguano para a construção de casas. Aproveitar madeiras derrubadas e caídas. Solicitar oficina de aproveitamento dessas espécies.

12 - Frutas Nativas (pama, sapota, abiu, bacuri, patoá, buriti, açai, manixi, tracubinha, mão-de-onça, tsintaki, etc): Fazer a coleta evitando a derrubada: trepando na árvore e usando material de alpinismo.

13 - Pesquisas Florestais: Dar continuidade às pesquisas sobre os produtos não madeireiros para implementar uma produção diversificada ao longo do ano.

14 - Parcerias com as Instituições: Estabelecer e firmar parcerias com as instituições governamentais (IBAMA, IMAC, SEAPROF, EMBRAPA, universidades) para apoiar a implementação do plano de gestão territorial e ambiental da terra indígena.

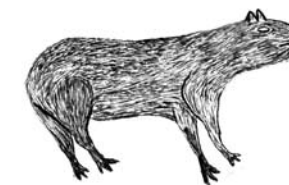


II - CAÇA

1 - Cachorro caçador: Fica proibido o uso de cachorro (paulista, americano, etc.) para a caça de animais grandes (veado, porquinho, queixada, anta) em áreas mais distantes. O cachorro que não é de raça caçadora pode caçar os animais pequenos que atacam o roçado, como a paca, a capivara, a cotia, etc. Cada família pode criar apenas dois cachorros.

2 - Caçada: Identificar a época de reprodução de cada animal e caçar menos no tempo de filhotes.

3 - Capivara e jacaré: Há abundância dessas espécies na terra indígena, mas a carne desses animais não é consumida pelos Asheninka. Portanto, devemos usar a carne do jacaré e da capivara nos cursos e eventos que acontecem na aldeia Apiwtxa. Como, em alguns casos, a capivara traz problemas comendo as roças de praia, podemos pensar em um plano de exploração e venda da carne desse animal junto ao IBAMA.





III – PESCA

1 - Oaca: Controlar o plantio de oaca. Sugerimos no máximo quatro pés por roçado.

2 - Pesca com bicheiro: Pescar com bicheiro durante um ano e deixar de pescar nos próximos dois anos. No ano de pesca com bicheiro, combinar com a comunidade quais serão os remansos utilizados para mergulho.

3 - Pesca com tarrafa: Não cobrir a pausada com a tarrafa para fazer bateção.

4 – Bodo: Não pegar bodo no tempo em que eles estiverem ovados.

5 - Construção de açude: Serão construídos em mutirão para cada família. Cada uma colocará os peixes que tem vontade de criar. Haverá um açude grande, comunitário, para a criação de tracajá, tartarugas e peixes.

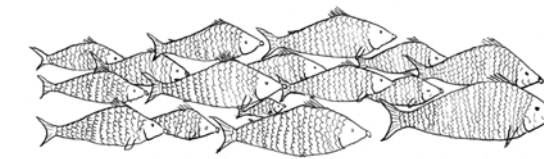
6 - Piracema: Atualmente, os pescadores e a população do entorno não deixam mais subir piracema; fecham o rio com malhadeira e pegam todos os tipos de peixe. Representantes da comunidade devem participar e exigir a fiscalização na época da piracema no município de Marechal Thaumaturgo e no baixo rio Amônia (que fica fora da Terra Indígena).





7 - Lagos: Não limpar a beira e os balseiros dos lagos que são usados para pescar.

8 - Área de refúgio: É uma área reservada para a reprodução da fauna. Em 1990, com a saída dos wirakotxa (brancos), foi criada a primeira área de refúgio em nossa terra, entre os rios Revoltoso e Amoninha. Em 1995, com a mudança do local da aldeia, foi criada a segunda área de refúgio. A partir de 1999 começaram as invasões das madeiras peruanas em nosso território, afetando a primeira área de refúgio, além das famílias que moram lá perto. Em agosto de 2004, a primeira área foi novamente afetada quando colocaram uma grande quantidade de veneno no rio Amoninha, do meio até a foz, matando aproximadamente duas toneladas de peixe.





IV – ROÇADO

1 - Roçados: Continuar colocando a roça nas capoeiras. Quando for necessário colocar na mata bruta, estudar junto com o agente agroflorestal os recursos que existem dentro da área. Fazer um planejamento junto com a comunidade para delimitar uma área que fique reservada para o plantio de macaxeira.

2 - Sementes indígenas: Ter uma política para preservar as sementes indígenas para não correr o risco de perder a biodiversidade dos roçados asheninka.

3 - Algodão: Estamos vivendo um problema com os nossos plantios de algodão, uma praga vem destruindo muito a nossa plantação. Para evitar que isso aconteça, devemos plantá-lo sempre em locais adequados. Devemos procurar ajuda de fora para tentar resolver esse problema que estamos enfrentando.

4 - Intercâmbio genético: Existe um intercâmbio antigo entre o povo Asheninka de sementes, legumes e plantas tradicionais. Mas gostaríamos de fortalecer essa relação de troca para a melhoria e enriquecimento da agricultura tradicional da Terra Indígena do Rio Amônia.





V - PLANTIOS AGROFLORESTAIS

1 - Sistemas Agroflorestais: Antes não havia sistema agroflorestal na terra indígena, mas hoje a maioria das famílias tem plantios nos quintais e roçados. Precisamos apenas continuar plantando as espécies da mata (frutas, madeiras, medicinais, etc) e as espécies de fora (exóticas). Nos novos plantios, planejar os locais adequados e os consórcios que podem ser feitos.

2 - Capoeira: Enriquecer as capoeiras delimitando uma área para plantar somente espécies nativas de interesse da comunidade, como açai, bacaba, paxiúba, jaci, madeiras, etc.





VI - MANEJO E CRIAÇÃO DE ANIMAIS SILVESTRES

1 - Abelha nativa: Dar continuidade à criação de abelhas nativas (melíponas) na aldeia, em locais próximos às casas das famílias. Fazer a retirada de mel de abelha com os cuidados necessários para não espantar nem matar o enxame. Procurar ajudar a conservar as espécies das abelhas.

2 - Arara: Fazer uso das penas da arara (nas nossas vestimentas e artesanatos) de maneira sustentável. Criar arara para fazer o repovoamento da espécie na região.

3 - Mutum: Averiguar a possibilidade de criação de mutum em cativeiro. Buscar especialista nessa área para nos dar assessoria e assistência técnica.

4 - Manejo e repovoamento de quelônios:

- **Tracajá:** De 1990 a 2002 foi feito o manejo apenas deixando de coletar uma parte dos ovos e não perseguindo-os mais. Em 2002, foram colocadas duas praias de tabuleiro e construídos dois açudes na aldeia. Foram soltos cem tracajás no lago próximo da comunidade e temos nos açudes (cativeiro) cerca de 1.400 filhotes. Vamos continuar essa forma de manejo até os tracajás de cativeiro começarem a botar ovos, o que vai demorar por volta de dois anos. Em agosto de 2004 coletamos 31 covas. O pessoal da aldeia Sawawo tirou pelo menos 21 covas antes da coleta da Apiwtxa, em agosto.

- **Tartaruga:** Existe um acordo com o IBAMA para o repovoamento desse animal com a doação, durante cinco anos, de mil filhotes por ano.

- **Jabuti:** Estamos fazendo um experimento de criação em cativeiro. Atualmente, existem 45 animais numa área de 30 x 30 metros. Já houve postura e nascimento em cativeiro.



VII - ALDEIA

Planejamento da aldeia Apiwtxa: construir as casas deixando espaços entre os quintais para fazer os plantios e as casas não ficarem apertada, uma em cima da outra.





VIII - LIXO E SANEAMENTO BÁSICO – SAÚDE AMBIENTAL

1 -Coleta do Lixo: A comunidade deve se organizar para coletar o lixo não orgânico e levar para a cidade. Ao mesmo tempo, deve cobrar nos municípios um local adequado para colocar esse lixo. Não jogar as pilhas e baterias pelos terreiros da aldeia; coletá-las e levar para o município mais próximo.

2 -Separar o lixo: Orientar a comunidade para separar o lixo orgânico (casca, resto de comidas, etc) do lixo não orgânico (latas, plástico, vidro, etc).

3 -Poluição do lixo: Orientar e fiscalizar os visitantes para não jogar lixo na aldeia; deve ser levado de volta para a cidade.

4 -Privadas: Cada família deve se organizar para ter a sua.





IX - RECURSOS HIDRICOS

1-Fonte de água: Separar as cacimbas de tomar banho e lavar roupa das cacimbas de beber água. Não jogar lixo nem construir privadas perto das cacimbas. Não jogar óleo de motor nos rios e igarapés. Cobrar dos órgãos públicos competentes a construção de poços artesianos e estrutura de distribuição de água.

2-Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Amônia: Iniciar a discussão para implementar o Comitê da bacia do rio Amônia no município de Marechal Thaumaturgo.





X – VIGILÂNCIA E FISCALIZAÇÃO

1-Sistema de fiscalização da área de fronteira: Planejar um sistema de fiscalização da área de fronteira pela comunidade e cobrar dos poderes públicos a proteção da terra indígena.

2-Famílias Asheninka peruanas: No momento atual, não devemos permitir a mudança de famílias Asheninka peruanas para a TI Rio Amônia, pois eles podem dar apoio às madeireiras peruanas.

3-Sistema de vigilância comunitária: Organizar um sistema de vigilância comunitária com suporte da FUNAI. Investigar se há recurso para apoiar essa ação.





XI – RELAÇÃO COM O ENTORNO

1-Intercâmbio de realidades e experiências em desenvolvimento sustentável: Dar continuidade, no entorno da terra indígena, às ações de conscientização sobre questões socioambientais relacionadas à gestão ambiental do Alto Juruá. Planejar encontros entre representantes da Apiwtxa, Reserva Extrativista do Alto Juruá, assentamento, igarapé Arara, aldeia Sawawo e município de Marechal Thaumaturgo para intercâmbio de experiências em desenvolvimento sustentável.

2-Conscientização e mobilização do entorno: Incentivar os moradores do entorno que demonstram interesse (Maritô, Antonio Caxixo da RESEX) a desenvolverem seus trabalhos e ganharem apoio de suas comunidades.

3-Alunos do ensino médio da cidade: Trazer alunos do ensino médio do município de Marechal Thaumaturgo para conhecer as experiências de gestão territorial e ambiental da aldeia Apiwtxa.

4-Política pública municipal: Envolver o prefeito e representantes de Marechal Thaumaturgo nas questões relacionadas à gestão ambiental do município. Eventualmente, receber essas personalidades na aldeia.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ochoa, M. L. P. março/abril de 2004. Proteção e Conservação Transfronteiriça da Serra do Divisor e Alto Juruá (Brasil-Peru) - Sub-Projeto: Etnomapeamento em Oito Terras Indígenas na Faixa de Fronteira do Estado do Acre, Brasil/Peru, in Comissão Pró Índio do Acre – CPI/AC. Relatório da I Oficina de Etnomapeamento da Terra Indígena Kampa do Rio Amônia – Acre.

Tavares, R. A. março/abril de 2004. Projeto de Proteção e Conservação Transfronteiriça da Serra do Divisor e Alto Juruá (Brasil-Peru) - Sub-Projeto: Etnomapeamento em Oito Terras Indígenas na Faixa de Fronteira do Estado do Acre, Brasil/Peru, in Comissão Pró Índio do Acre – CPI/AC. Relatório da I Oficina de Etnomapeamento da Terra Indígena Kampa do Rio Amônia – Acre.

Freschi, J. setembro de 2004. Projeto de Proteção e Conservação Transfronteiriça da Serra do Divisor e Alto Juruá (Brasil-Peru) - Sub-Projeto: Etnomapeamento em Oito Terras Indígenas na Faixa de Fronteira do Estado do Acre, Brasil/Peru, in Comissão Pró Índio do Acre – CPI/AC. Relatório da II Oficina de Etnomapeamento da Terra Indígena Kampa do Rio Amônia – Acre.

Tavares, R. A. setembro de 2004. Projeto de Proteção e Conservação Transfronteiriça da Serra do Divisor e Alto Juruá (Brasil-Peru) - Sub-Projeto: Etnomapeamento em Oito Terras Indígenas na Faixa de Fronteira do Estado do Acre, Brasil/Peru, in Comissão Pró Índio do Acre – CPI/AC. Relatório da II Oficina de Etnomapeamento da Terra Indígena Kampa do Rio Amônia – Acre.

FOTOGRAFIAS



p.06 – Mulher Ashaninka com seu filho – foto Haroldo Palo Junior.



p.12 – Linha de algodão para uso na tecelagem Ashaninka – foto Pedro Constantino.



p.16 – Crianças Ashaninka, Aldeia Apiwtxa – foto Renato A. Gavazzi.



p.19 e 34 – Pupunha vinda do SAF – foto Pedro Constantino.



p.19 - Acampamento peruano para roubo de madeira em terra Ashaninka – foto Arquivo IBAMA.



p.19 – Minhocas – foto Pedro Constantino.



p.19 – Sr. Antonio, liderança Ashaninka, soltando filhote de tracajá em açude na aldeia Apiwtxa para manejo e criação – foto Renato A. Gavazzi.



p.20 – Colares de sementes florestais Ashaninka – foto Pedro Constantino.



p.22 – Folha de Jaci – foto Pedro Constantino.



p.24 – Mulher Ashaninka – foto Haroldo Palo Junior.



p.26 – Criança Ashaninka – foto Haroldo Palo Junior.



p.28 – Jogando tarrafa – foto Haroldo Palo Junior.



p.30 – Pescadores não indígenas que vivem no entorno – foto Haroldo Palo Junior.



p.32 – Roçado Ashaninka – foto Haroldo Palo Junior.



p.34 – Sistema Agroflorestal Ashaninka – foto Pedro Constantino.



p.34 - Mulheres Ashaninka transportando produtos do SAF para aldeia – foto Pedro Constantino.



p.36 – Criatório de tracajá aldeia Apiwtxa – foto Haroldo Palo Junior.



p.38 – Aldeia Apiwtxa – foto Marcio Sztutman.



p.39 – Criança Ashaninka - foto Haroldo Palo Junior.



p.39 – Criança Ashaninka - foto Haroldo Palo Junior.



p.47 – Reuniao do Grupo de Trabalho Transfronteiriço em Cruzeiro do Sul – foto Jose Frank da Silva.



p.49 – Caçador Ashaninka – foto Pedro Constantino.



p.49 – AAFI Benki com filhotes de tracajá vindo da praia de tabuleiro – foto Renato A. Gavazzi.



p.49 – Prof. Isaac em conversa no pátio – foto Haroldo Palo Junior.



p.49 – Plumagem de aves para peças de uso pessoal Ashaninka – foto Pedro Constantino.



p.39 – Criança Ashaninka - foto Haroldo Palo Junior.



p.40 – Mulher Ashaninka - foto Haroldo Palo Junior.



p.42 – Mata ciliar do rio Amônia - foto Haroldo Palo Junior.



p.44 – Invasão de peruano em terra Ashaninka – foto Arquivo IBAMA.



p.46 – Reunião de lideranças Ashaninka com a Ministra Marina Silva para tratar dos problemas relacionados a invasões peruanas para roubo de madeira em suas terras – foto Martins Davila.



p.50 – Meninas Ashaninka trabalhando na produção de colares de sementes – foto Haroldo Palo Junior.



p.52 – Tingimento de vestuários Ashaninka com produto florestal – foto Pedro Constantino.



p.54 – Mulher Ashaninka bebendo piarentsi – foto Haroldo Palo Junior.



p.56 – Caça – foto Julieta Matos Freschi.



p.58 – Homem Ashaninka trabalhando na confecção de tarrafa – foto Haroldo Palo Junior.



p.46 – Oficina de Etnomapeamento na Aldeia Apiwtxa 2004 – foto Renato Gavazzi.



p.46 – Oficina de Etnomapeamento na Aldeia Apiwtxa 2004 – foto Renato Gavazzi.



p.46 – Municipio de Marechal Thaumaturgo – foto Haroldo Palo Junior.



p.47 – Oficina de Etnomapeamento na Aldeia Apiwtxa 2004 – foto Renato Gavazzi.



p.47 – Oficina de Etnomapeamento na Aldeia Apiwtxa 2004 – foto Renato Gavazzi.



p.60 – Copa de samaúma – foto Haroldo Palo Junior.



p.62 – Roçado Ashaninka – foto Haroldo Palo Junior.



p.64 – Sistema Agroflorestal Ashaninka – foto Roberto Tavares.



p.66 – Pai e filho no manejo de melíponas – foto Haroldo Palo Junior.



p.68 – Crianças Ashaninka – foto Haroldo Palo Junior.



p.47 – II Reunião Técnica para Conservação da Biodiversidade Fronteiriça – Ucayali/Acre - Cruzeiro do Sul, dez. 2005 – foto José Frank Silva.



p.69 – Casas Ashaninkas – foto Haroldo Palo Junior.



p.69 – Conversas de homem – foto Haroldo Palo Junior.



p.69 – Casas Ashaninkas – foto Haroldo Palo Junior.



p.69 – Mulheres da aldeia Apiwtxa – foto Haroldo Palo Junior.



p.70 – Futebol na Aldeia – foto Haroldo Palo Junior.



p.72 – Foz do rio Amônia – foto Haroldo Palo Junior.



p.74 – Invasão peruana para roubo de madeira em terras Ashaninka – foto Arquivo IBAMA.



p.76 – Cidade do município de Marechal Thaumaturgo – foto Haroldo Palo Junior.



contra-capa – Aula de cartografia: mapa de diagnóstico ambiental. Aldeia Apiwtxa, set. 1999 – foto Renato Gavazzi.